Austeridade...

5.III.59

O general Anápio Gomes, um dos melhores conhecedores da grave situação brasileira, acaba de proclamar a necessidade de austeridade, para fazer face à tremenda crise. Nada mais evidente. Não será persistindo na dissipação e no desregramento que se poderão vencer as dificuldades oriundas do desregramento e da dissipação.

Estaremos, porém, em condições de praticar a reclamada austeridade? Pode-se afirmar seguramente que não. Todos os grandes exemplos devem partir do alto, para serem seguidos. E o da austeridade, mais que todos. Pede-se ao cidadão particular que reduza os seus gastos e trabalhe mais, enquanto o govêrno, tomado de verdadeiro delírio de grandeza, não se contém na sua dissipação? Estará, então, irremediàvelmente comprometida a proclamada política de austeridade. Quem pode gastar não se coíbe nos gastos, se o govêrno lhe dá a lição do desperdício. Demais, pouco adiantaria a contenção do particular, se o Estado que é o grande empresário e consumidor, despende muito mais do que poderia reunir a economia privada. Seria como guardar em bolso furado.

A austeridade deve, pois, ser virtude de todos, particulares e governantes, mas o é principalmente dêstes. E não consiste sòmente em despender menos, mas também em trabalhar mais. Ora, a mentalidade que se formou neste país é a de que se pode prosperar sem trabalhar. Gastar menos ainda pode ser, senão por vontade, ao menos por necessidade, mas trabalhar mais parece impossível num país em que ganhar sem esfôrço se constituiu o ideal de muitos. E ainda aqui o mau exemplo vem de cima, pois, quando o Govêrno extingue cargos e dispensa funcionários, é para mais fàcilmente poder nomear.

Como se vê, a preconizada austeridade é muito mais fácil de prescrever, que de realizar. Supõe, antes de tudo, uma firme disposição de ânimo. E se torna impossível com governos levianos e irresponsáveis, que acima de tudo põem os seus desejos e caprichos.

Vejamos, por exemplo, o caso de Brasília. Somos decididamente favoráveis à mudança da capital para o Planalto Central. Reputamo-la obra imprescindível. Mas, ainda que próspera fôsse a situação do País, haveria de realizar-se com tempo e cautela, tudo cuidadosamente projetado, para que não viesse pesar demasiado. Que estamos vendo? Para usar a própria expressão do sr. Juscelino Kubitschek, Brasília está sendo construída «às caneladas», como se se tratasse de vencer uma partida de futebol. A's caneladas, isto é, com grandes e escusados dispêndios, que são a própria negação da política de austeridade, para que o Presidente se possa imortalizar como fundador da nova capital. Assim, o empreendimento que devera ser o marco de uma nova fase da vida nacional vem eivado de todos os vícios da vida antiga.

A política de austeridade, pelo sr. Anápio Gomes e tantos outros preconizada, é uma evidente necessidade. Estamos como num país devastado pela mais impiedosa das guerras e só pelo trabalho e pela poupança o poderemos restaurar. Mas pensar em austeridade enquanto estiver no govêrno o sr. Juscelino Kubitschek, sua viva contradição, não tem sentido. E depois? Depois, se até lá chegarmos sem acidente grave, ninguém pode prever ainda o que será. Mas, em qualquer hipótese, verdadeira austeridade com êste regime de geral irresponsabilidade será milagre.